

O ENSINO DA CAPOEIRA NOS ANOS INICIAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

AMANDA MELLO ANDRADE DE ARAÚJO

Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina

DRA. LUCIANA PEDROSA MARCASSA

Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas

Professora do Centro de Ciências da Educação da
Universidade Federal de Santa Catarina

GUILHERME MOURA MIRANDA FILMIANO

Professor de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis

Resumo | Esse trabalho consiste no relato da experiência de supervisão e prática pedagógica no estágio obrigatório do curso de licenciatura em Educação Física. A intervenção pedagógica, desenvolvida numa turma de terceiro ano do ensino fundamental de uma escola Municipal de Florianópolis, teve como conteúdo a Capoeira, ministradas em um total de quatorze aulas. A proposta pedagógica em questão se sustentou sobre a concepção crítico-superadora elaborada pelo Coletivo de Autores (1992). Embora a riqueza desse conteúdo por si só lhe confira inegável potencial pedagógico, tratá-la enquanto proposta pedagógica se faz legítimo quando fazemos referência à medida afirmativa que, sob respaldo da Lei nº 10.639/2003, tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas.

Palavras-chave | Capoeira, Escola Pública, Educação Física.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desse texto consiste em avaliar nossa prática docente a partir do relato de nossa experiência de estágio. Nossa vontade era

desenvolver um conteúdo em que sua riqueza conceitual pudesse ser uma aliada do nosso trabalho, resultando, portanto, na opção pela capoeira. Outro aspecto que salientamos ter sido importante diz respeito à compreensão aprofundada da metodologia adotada. Se não é aconselhável que uma base teórica sirva como um fator petrificador de uma prática docente, sabemos que tampouco sem ela é possível o sucesso de uma proposta. No nosso caso optamos pela metodologia crítico-superadora proposta pelo Coletivo de Autores (1992). Estudá-la e simultaneamente experimentá-la possibilitou que levantássemos questões acerca das reais potencialidades e dos limites dessa metodologia.

2. CONHECENDO O CAMPO...

A turma 31 é composta por um total de 30 alunos, sendo 15 meninos e 15 meninas, todos com 8 anos de idade. A maioria das crianças habita nas redondezas da escola. Embora uma investigação pormenorizada acerca das origens dos alunos ainda esteja por ser feita pudemos notar que se tratava de uma turma heterogênea em termos socioeconômicos.

As aulas de Educação Física (EF) são distribuídas em três em dias – segundas, terças e sextas – com duração de quarenta e cinco minutos cada. São ministradas por um professor temporário na instituição e recém formado na área. As aulas de EF eram anunciadas por alguns rituais: o professor que sempre ia ao encontro dos alunos, fazia a chamada ainda em sala, por exemplo. Quando terminados os procedimentos de sala, as crianças se dirigiam para o lado de fora, quase sempre com muita pressa. De maneira um tanto quanto “automatizada”, faziam duas filas no corredor do prédio: uma de meninos, outra de meninas. Dizemos “automatizada” porque elas faziam a fila com demarcada naturalidade, por mais ansiosas que estivessem para ir para aula de EF. O deslocamento até o local de aula respeitava esse ritual: até lá, meninos de um lado e meninas de outro. Esse tipo de ritual reflete em grande medida uma das características da turma: uma germinativa segregação

de gêneros. Dizemos germinativa, pois pela forma como se manifesta na turma não parecia ainda ser de fato um problema. Embora tenhamos percebido surgir alguns conflitos – tanto durante as observações, quanto durante a intervenção - enraizada nesse aspecto sobre o qual falávamos, eles acabavam sendo contornados com relativa facilidade, de maneira que não havia comprometimento da participação dos envolvidos nas atividades, nem do próprio andamento da aula.

Uma vez na quadra ou no ginásio, as crianças costumavam se dirigir para o círculo central demarcado no chão. Assim que chegavam, alguns se arriscavam a correr e brincar enquanto o professor se preparava para conduzir a atividade ao organizar os materiais e o espaço. Isso não nos pareceu ser um problema, pois quando o professor solicitava, esses alunos se dirigiam para o círculo.

3. BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A dança, o esporte, o jogo, a capoeira e a ginástica são elementos da cultura corporal do Homem e devem ser tratados na escola como conteúdos de ensino. Tais conteúdos seriam os meios pelos quais é possível um confronto dialético - que provém do sentido/significado da prática o aluno - entre a *“a intencionalidade/objetivo do homem e as intenções/objetivos da sociedade”* (1992, p.62). A turma do terceiro ano integra ao que o Coletivo de Autores (1992) define como último ano do primeiro ciclo de escolarização.

É o ciclo de organização da identidade dos dados da realidade. Nele o aluno encontra-se no momento da síncrese. Tem uma visão sincrética da realidade. Os dados aparecem de forma difusa, misturados. (p. 23)

Esta proposta diz respeito aos conflitos de classe inerentes à sociedade tal como atualmente ela se estrutura. Dessa maneira, a sugestão metodológica visa, sobretudo, a possibilidade de questionamento da consciência social determinada pelas classes dominantes, quando essas veiculam “seus interesses, seus valores, sua ética, e sua moral como universais, inerentes a qualquer indivíduo, independente da sua origem

ou posição social” (p.24). Não obstante seja necessário admitir que o contexto político no qual essa proposta foi desenvolvida difere em parte da conjuntura atual, assim como é importante ressaltar que os avanços epistemológicos da área tenham trilhado rumos que parecem aprofundar ou distanciar-se cada vez mais das bases sob as quais a metodologia em questão foi escrita¹, é impossível negar que esse material ainda significa uma atual e importante referencia para os professores de Educação Física do ensino básico. No nosso caso, achamos por bem adotá-la, na medida em que nos propusemos a desenvolver o conteúdo não só a partir do que há de repertório técnico neles, mas, sobretudo em uma tentativa de extrair o que neles há de potencial para fomentar nas crianças reflexões críticas.

4. DO CONTEÚDO E ESTRATÉGIAS DE ENSINO...

O percurso historiográfico da capoeira, *grosso modo*, esteve em um primeiro momento circunscrito à escravidão ou período de sua gênese, à marginalidade ou período subsequente à abolição da escravatura, em 1888, e, por fim, à disseminação de espaços destinados à sua prática (academias), em 1930. Conforme Domínguez (2010), a capoeira cresceu e ganhou legitimidade não só no Brasil como em muitos países. Constituiu-se, inclusive, como um importante instrumento de projetos sociais em vigência no país, além de ter se tornado, segundo esse mesmo autor, em 2008, patrimônio cultural imaterial do Brasil, o que confere a essa prática uma proximidade expressiva com a arte de modo geral. A riqueza desse conteúdo por si só lhe atribui inegável potencial pedagógico. Porém esse tema se faz ainda mais legítimo quando mencionamos a medida afirmativa que, sob respaldo da Lei nº 10.639/2003, tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas, em todos os níveis de ensino. Sendo assim, nosso objetivo geral foi *promover a compreensão da capoeira como uma manifestação ampla em seus desdobramentos enquanto arte, jogo, luta, dança*.

1. Ver Bracht e Almeida (2008).

Uma estratégia metodológica que adotamos diz respeito à divisão do conteúdo em dois módulos de ensino. Essa forma nos pareceu mais adequada para respeitar efetivamente aquilo que o Coletivo de Autores (1992) nos diz sobre a necessária relação de interdependência entre os elementos que atribuem de fato legitimidade à Educação Física na escola (jogo, luta, dança, ginástica) e o contexto sociopolítico atual.

Optamos, então, por dividir o trabalho da seguinte forma: no primeiro módulo – total de seis aulas – nos dedicamos a apresentar às crianças o contexto histórico no qual a capoeira surgiu. Sob o título de “*Sobre a vida dos escravos e suas dificuldades*” tivemos como objetivo específico proporcionar a compreensão dos personagens históricos (escravos e feitores - uma figura em especial: zumbi dos palmares) e entender o significado dos espaços por onde circularam esses personagens: navio negreiro, senzala e quilombo. Foram planejadas atividades de contação de histórias, brincadeiras de representação dos personagens, leitura de histórias em quadrinhos, construção de quilombos e senzalas.

Se o primeiro módulo teve como eixo central a contextualização histórica da capoeira, no segundo módulo intitulado “*A capoeira como movimento para libertação*” nos ocupamos de: a) *proporcionar a experiência do jogo da capoeira*, b) *introduzir os fundamentos técnicos básicos da capoeira: ginga, golpes (meia-lua de frente, martelo), acrobacia (aú) e o movimento de defesa (aú)*. Além disso, estavam previstos também a introdução dos aspectos ritualísticos básicos da roda de capoeira e a experiência de tocar os instrumentos musicais que se inserem na capoeira.

A título de interesse para este registro e por economia de espaço, na sequência, apresentaremos as aulas que elegemos como importantes momentos de nossa experiência.

4.1 CAPOEIRA: FAZENDO ACONTECER

Desde o início, nos preocupamos com a utilização de recursos didáticos que não fossem somente aqueles tradicionalmente destinados à Educação Física. O conteúdo desenvolvido de certa maneira nos permitia outra via de opções. Um deles foi a contação de história. Segundo

De Souza e Bernardino (2011, p.237) a contação de história “estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil.” A nosso ver, esse seria um meio importante, e de estreita articulação com nossos objetivos, para que as crianças pudessem, por meio da imaginação, ter o primeiro contato com o conteúdo que seria desenvolvido. Preparamos então uma história que contava a respeito da chegada dos africanos, trazidos nos chamados navios negreiros, ao Brasil. Preparamos também a exibição de algumas imagens que pudessem ilustrar a história. Entretanto, tivemos algumas dificuldades na execução dessa atividade, na medida em que nos descuidamos de uma série de pressupostos necessários para que a contação de história se realizasse com sucesso: ambiente confortável para atividade, preparação da turma para a atividade, além de uma oratória adequada. Embora essa atividade tenha mostrado potencial para o desenvolvimento do nosso conteúdo, nossa inexperiência docente não permitiu que levássemos em conta aspectos fundamentais para sua realização.

Mantendo o ritual que o professor da escola fazia, optamos por buscar os alunos do terceiro ano em sala. Como de costume, fazíamos a chamada e explicávamos a eles a atividade do dia. Um dos pontos que procuramos priorizar era a retomada do conteúdo e conceitos que haviam sido desenvolvidos em aulas anteriores, procurando tecer um eixo pedagógico coeso entre uma aula e outra. Assim o fizemos na aula subsequente à contação de história. Perguntamos às crianças o que se lembravam a respeito da história que havíamos trazido. Algumas delas responderam que se tratava da história sobre os escravos, outras disseram que se tratava da história dos africanos. A partir de suas respostas questionávamos sobre quem eram esses e o porquê eles estavam sendo trazidos para o Brasil. Depois dessa conversa em sala, explicamos que a atividade do dia consistia em uma brincadeira em que as crianças teriam que representar os personagens, escravos e feitores. Por meio da brincadeira “pega-pega”, os “escravos” teriam que fugir dos “feitores”. Embora nesse dia o tempo não tenha sido suficiente para problematizar questões

relativas à fuga dos escravos, retornamos com esse modelo de aula, com suas variações, em outros momentos.

Consideramos uma aula em especial como o ponto alto de nossa intervenção. Confeccionamos uma história em quadrinhos e planejamos sua leitura em sala. Além de contar brevemente sobre a vida difícil dos escravos na senzala e a visão que eles tinham do quilombo como um lugar de liberdade, a história abordava sobre um personagem importante daquela época: Zumbi dos Palmares. Avaliamos essa aula como muito positiva, pois pudemos ter a experiência de sucesso, uma vez que nos ativemos aos aspectos que na aula de contação de história foram falhos. Com um ambiente adequado, as crianças se mostraram mobilizadas à leitura e à posterior discussão da história. Ao final, escutamos uma música de capoeira que cantava sobre Zumbi dos Palmares.

Conhecendo um pouco já sobre os espaços e os sujeitos da época, duas aulas foram destinadas à “construção” das senzalas e quilombos. Procuramos, nessas aulas, explorar os espaços verdes e aladeirados que a escola possui, em uma tentativa de mergulhá-los um pouco mais na ambiência do contexto histórico. As crianças foram divididas em escravos e feitores. Aos escravos lhes foi entregue um tecido que servia para construir os quilombos. O mesmo para os que representavam feitores, embora, nesse caso, a construção fosse referente à senzala. Usando as árvores do local, as crianças exploravam sua criatividade. Depois de prontos os locais, fizemos uma brincadeira em que os escravos em fuga para os quilombos deveriam ser capturados pelos feitores. Percebemos que, em função do caráter agonístico da atividade, algumas crianças, que representavam os escravos, distorciam o objetivo da brincadeira. Preferiam correr em meio às árvores, a se refugiarem nos quilombos. Para que não perdêssemos o real sentido da atividade, levantamos essa questão ao final da aula: “será que os escravos quando fugiam das senzalas preferiam se esconder na mata ao invés de se refugiarem nos quilombos?”. Algumas das crianças responderam que, dessa forma, eles poderiam ser capturados com maior facilidade pelos feitores, outras disseram ser mais divertido se esconder na floresta.

Ao final de seis aulas, demos início ao segundo módulo em que desenvolveríamos aspectos técnicos da capoeira. Ainda que o módulo

anterior tenha sido desenvolvido de maneira a considerar o interesse das crianças nas brincadeiras e atividades lúdicas, durante seu curso, algumas delas se mostravam mais animadas em aprender a capoeira propriamente dita. Assim, como não deveria deixar de ser, iniciamos o módulo com a introdução da ginga, movimento base da capoeira. Entretanto, alguns problemas emergiram neste dia. Tivemos dificuldades na condução de elementos básicos da aula, tal como as orientações para a atividade e durante os momentos de problematização. Atribuímos nossa dificuldade em conduzir a aula à escolha inadequada do espaço de aula (o ginásio, de acústica nada favorável, se mostrou um local excessivamente amplo para a atividade, promovendo dispersão) e a opção por tentar explicar a atividade às crianças naquele local inviabilizou sua compreensão. Malgrado toda dificuldade, algumas crianças participaram da aula e ao final já estavam executando a ginga com certo domínio.

Nas aulas seguintes, priorizamos a utilização de espaços menores. Substituímos, então, as aulas no ginásio pelo espaço do auditório, tornando-se essa uma boa opção para as aulas seguintes. Conseguimos, dessa forma, intercalar os momentos de aprendizado dos movimentos, com alguns momentos de questionamentos conceituais a respeito do movimento que desenvolvíamos. Notamos maior qualidade na aprendizagem dos movimentos, também, na medida em que passamos a utilizar o som com as ladainhas de capoeira. Mas foi somente após a introdução do movimento de ginga, esquiva e martelo que fizemos a roda de capoeira. Nas primeiras vezes, percebemos certo acanhamento por parte das crianças, mas na medida em que avançamos nas aulas, as crianças passaram a vivenciá-la de maneira mais prazerosa.

4.2 AVALIANDO

Como nos mostra o Coletivo de Autores (1992), o sentido da avaliação do processo ensino-aprendizagem é o de fazer com que ela sirva de referência para a análise da aproximação ou distanciamento do eixo curricular que norteia o projeto pedagógico da escola. Podemos

transpor esse conceito para a relação professor-aluno, exclusivamente, e entender que a avaliação tem por função fazer com que seja usada como referência para julgarmos o alcance ou não dos objetivos que constavam no plano de ensino. Portanto, qualquer que seja o instrumento de avaliação, entendemos que é preciso que ele esteja de claro acordo com o conteúdo trabalhado e as metas adotadas. Como no primeiro módulo trabalhamos essencialmente aspectos conceituais da história da capoeira optamos por propor aos alunos a elaboração escrita do que fora aprendido. Cada aluno recebeu uma folha contendo imagens – algumas delas apresentadas ao longo das aulas - que representavam os “conceitos” que haviam sido trabalhados ao longo do módulo. A partir disso as crianças precisariam elaborar uma frase, procurando explicar a imagens, levando em consideração as atividades que foram propostas durante as aulas. Apostamos nessa forma de avaliação, pois entendemos que explicar por meio da linguagem oral e escrita, seja ela qual for, o que fora aprendido, representa a elaboração teórica, no pensamento, daquilo que se realiza como prática, contribuindo assim para o sucesso do trabalho pedagógico. Como resultado geral, pudemos perceber que o objetivo do primeiro módulo havia sido alcançado. A maioria das crianças conseguiu formular a frase de acordo com aquilo que tínhamos ensinado, embora a maioria delas tenha solicitado ajuda durante a execução da avaliação. Quando isso acontecia, adotamos a rememoração das atividades práticas e teóricas que havíamos feito em aulas anteriores como estratégia. Essa tendência nos instigou a questionar sobre o grau de dificuldade desse tipo de atividade.

Para a avaliação referente ao segundo módulo, utilizamos câmera de vídeo para gravar momentos em que as crianças executavam os movimentos da capoeira. Os movimentos se inscreviam em uma brincadeira chamada “pega-congela”. O aluno ao ser pego deveria permanecer na posição de esquiva. Seus colegas poderiam salvá-lo desde que algum movimento de ataque aprendido em outras aulas fosse feito sobre o aluno “congelado”. Filmamos cada movimento. Em um segundo momento os vídeos gravados foram mostrados para os alunos na tentativa de fazê-los reconhecer quais movimentos estavam sendo executados (portanto,

nomeá-los) e sua finalidade. Perguntávamos também a respeito da qualidade dos movimentos. Embora tivéssemos explicado a finalidade dessa prática derradeira, não tivemos tanto sucesso em sua realização, na medida em que, para as crianças, o caráter agonístico prevaleceu novamente como objetivo da atividade, e o pega-pega imperou sobre a qualidade da execução do movimento.

De uma maneira geral, repensando os ajustes, consideramos que essas podem ser duas formas de avaliação proveitosas, pois mesmo com todas as dificuldades foi possível perceber que o aprendizado de fato havia acontecido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”
(FREIRE, 2000)

Com relação ao desenvolvimento do conteúdo, percebemos que a capoeira, como prática integrante da cultura corporal, mostrou ter um alto potencial pedagógico e de estreita articulação com a concepção teórica que adotamos. Além disso, as riquezas de seus elementos intrínsecos (dimensões técnicas, atitudinais e conceituais do conhecimento) permitiram que explorássemos o tema sem que nos distanciássemos dos aspectos lúdicos próprios da faixa etária dos alunos com os quais trabalhamos. Vale destacar que, apesar dos objetivos gerais e específicos terem sido, em parte, contemplados em nossa intervenção, algumas dificuldades foram enfrentadas. Por exemplo, os momentos de conflitos entre as crianças, em algumas aulas, tomavam largar proporções, de modo que não raro o andamento da aula era comprometido. É provável que essas situações tenham relação com a inexperiência de nós estagiários a frente de uma turma. Outro aspecto que julgamos falho de nossa proposta consiste na relativa superficialidade tanto conceitual, quanto técnica do conteúdo desenvolvido. Possivelmente, o estudo mais cuidadoso da capoeira, a nosso ver, promoveria um salto significativo no planejamento das aulas e conseqüentemente no seu desenvolvimento.

No que diz respeito ao ofício de educador, percebemos que uma metodologia e um planejamento adequado define em grande parte o rumo do trabalho pedagógico. Entretanto a realidade se manifesta de maneira muito mais complexa fazendo com que seja necessário interrogar constantemente os pressupostos metodológicos e as estratégias didáticas que adotamos. Sendo assim, entendemos que é preciso admitir as limitações de um planejamento, sem, obviamente, negar a necessidade de sua constante reflexão e atualização. A nosso ver, o processo de autoavaliação do educador, portanto, se constitui como uma etapa não menos importante da prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. ; ALMEIDA, F. Q. O debate Rorty/Habermas: implicações para a relação entre a teoria e a prática pedagógica em educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, p. 123-136, 2008.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. 119p.

DE SOUSA, L. O; BERNARDINO, A. (2011). A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Revista de Educação**, v.6, n.12, p.235-249.

DOMÍNGUEZ, M, E. **Rodas de Capoeira: arte e patrimônio em Florianópolis**. Florianópolis, SC: Contraponto, 2010. 117 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Recebido: 03 junho 2013

Aprovado: 21 julho 2013

Endereço para correspondência:

Amanda Mello Andrade de Araújo

Rua Professor Milton Roque Ramos Krieger, 178, bl. A, apto. 201

Trindade

Florianópolis – SC

CEP: 88036-080

salutamanda@hotmail.com